



Círculo de Estudos: **Matemática B – 10º ano** **Janeiro a Março de 2002** **Reflexão crítica Individual sobre** **Actividades Desenvolvidas**

Tenho acompanhado com bastante interesse as indecisões, avanços e recuos sobre a Nova Reforma do Ensino Secundário. Participei até agora num círculo de estudos sobre a Matemática B, onde elaborei uma reflexão crítica que gostava de partilhar e obter feed-back através de outras opiniões.

Os objectivos do círculo de estudos foram:

1. Conhecer o Programa de Matemática B;
2. Ter desenvolvido propostas de metodologias de ensino adequadas ao 10º ano do referido programa;
3. Ter desenvolvido propostas de metodologias de avaliação adequadas ao 10º ano no referido programa.

A participação num círculo de estudos como este proporciona dois tipos de experiência: o conhecimento das transformações a implementar na nova reforma do Ensino Secundário e as implicações que a mesma traz para a disciplina de Matemática em particular. Começando este círculo de estudos com uma visão global do Programa de Matemática B permitiu contextualizar a disciplina no currículo da Nova Reforma e perceber qual o papel particular da Matemática B em comparação com a Matemática A.

Ainda se pode constatar qual o percurso matemático dos alunos vindos do 3º ciclo e ao longo dos 3 anos de Ensino Secundário. Foi importante enquadrar os alunos no 10º ano e perceber os conhecimentos, capacidades e atitudes que os mesmos possuem na entrada para o Ensino Secundário. Pensar no 10º ano só por si não é possível, o módulo inicial é um motor

de arranque para um percurso de três anos que conduzirá os alunos ao mundo do trabalho ou não. É aqui que poderei dizer que gostava de ver entrar esta Reforma com o esclarecimento sobre a permeabilidade de cursos e sobre a realização de exames em Matemática B. Pois é muito diferente preparar um aluno para o acesso ao ensino superior, que na minha opinião deve passar sempre pela realização de uma avaliação aferida a nível nacional, e preparar o mesmo aluno para a realização de tarefas específicas num contexto de trabalho.

As tarefas de planificação, concepção e execução de actividades enquadradas no âmbito da Matemática B permitiram o contacto com as indicações metodológicas do novo programa e o seu desenvolvimento curricular. Foi fundamental perceber o contexto e os objectivos da disciplina nesta versão B para se poder instrumentalizar os conteúdos a explorar através de propostas a colocar aos alunos. As actividades que nos foram colocadas suscitaram interesse pela sua pertinência e adequação ao círculo em causa, mas necessitam de adequação e orientação no que se refere ao seu transporte para os alunos. É este um factor muito importante neste círculo de estudos – a troca de experiências aliada à discussão sobre as actividades a propor e a desenvolver com os alunos. Cada professor participante pode intervir numa discussão em que partilha a sua vivência e com isso permite um crescimento e um envolvimento dos seus pares. Perante esta partilha pode-se comparar os tipos de ensinamentos feitos com alunos dos actuais CSPOVA e assim tentar definir uma linha de orientação para a Matemática B. Sendo diferente em muitos aspectos e principalmente pelo enquadramento dado, curso tecnológico versus curso geral, a experiência anterior pode nos possibilitar a conclusão não pacífica de que a Matemática de

alunos que não pretendem prosseguir estudos no ensino superior tem de ser diferente.

No que diz respeito ao desenvolvimento de instrumentos de avaliação, este círculo de estudos dissimulou-os através das tarefas realizadas e sempre num enquadramento de actividades dentro de um tema programático, geometria, funções e estatística. A elaboração de uma ficha de exploração de conteúdos e o seu enquadramento no programa de Matemática B obrigou-nos a pensar a avaliação. É muito difícil estabelecer os limites desta avaliação e o que se pretende com a mesma, existem factores em causa muito dispareos que podem passar por conhecimentos, capacidades e atitudes. Até onde ir em cada uma destas divisões? É a questão fundamental sobre a qual teremos de refletir mais para poder estabelecer uma linha orientadora e congruente a todos os agentes educativos. A avaliação e o seu desenvolvimento metodológico não pode passar só pela disciplina em causa ou pela sua versão B. Teremos de saber concretamente o que vai acontecer a estes alunos ao longo do seu percurso no Ensino Secundário, onde não pode ser esquecida a importância atribuída à Matemática na futura profissão. Não se pode usar os mesmos parâmetros avaliativos para alunos diferentes de cursos diferentes para profissões diferentes. Se a Matemática foi separada por versões, então vamos dar uma identidade própria a cada curso e vamos desenvolver as capacidades e conhecimentos de cada aluno, dentro desse curso e não conotar a disciplina como um pilar de travamento a tal percurso, vamos dar-lhe o estatuto essencial e importante.

Paulo Jorge Ribeiro Dias
Escola Secundária da Moita

A Redacção reserva-se o direito de editar os textos recebidos de modo a tornar comportável a inclusão de todas as contribuições no espaço disponível na revista.